



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB

Por uma Política de Inclusão (também) para o Aluno Indisciplinado

Alessandra Aparecida de Melo

ORIENTADORAS

Maria Aparecida Curupaná da Rocha de Mello

Ulisdete Rodrigues de Sousa Rodrigues

BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde -
PGPDS

Alessandra Aparecida de Melo

Por uma Política de Inclusão (também) para o Aluno Indisciplinado

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar,
do Departamento de Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadoras – Maria Aparecida Curupaná da Rocha de
Mello e Ulisdete Rodrigues de Sousa Rodrigues

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

Alessandra Aparecida de Melo

Por uma Política de Inclusão, Também para o Aluno Indisciplinado.

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em ____/____/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Maria Aparecida Curupaná R. Mello

NOME DO ORIENTADOR

Nathália M. P. da Costa

NOME DO EXAMINADOR

Alessandra Aparecida de Melo

NOME DO ALUNO

BRASÍLIA/2015

DEDICATORIA

Agradeço a Deus por ter me conduzido até aqui, aos professores e mestres que durante a caminhada foram apoio ao aprendizado, em especial a minha irmã Nubia Pureza de Melo, que foi minha incentivadora de todos os momentos.

Agradeço também a Tutora Online Roberta Assunção e a orientadora Cidinha Curupaná por sua dedicação e compromisso com os alunos.

AGRADECIMENTOS

Aos professores, colegas de trabalho e profissão, que prontamente colaboraram com a pesquisa de campo, que exercem sua profissão com garra e heroísmo, que conduzem a educação com amor e dedicação, há vocês meu muito obrigado.

À minha querida diretora Neide, que tem o discernimento em saber da labuta do professor, por isso coopera com a qualidade de vida no trabalho, sendo prontamente disposta a ajudar. Muito obrigada.

RESUMO

A educação inclusiva é um dos maiores desafios da sociedade. Desenvolvida na década de 70, ela envolve não somente a pessoa com deficiência, mas a família, a escola e a sociedade. Este estudo busca argumentos que falam a favor da inclusão escolar da criança considerada indisciplinada, que em tempos na escola dos nossos dias, traz toda uma “carga” de mudanças de contextos vivida pela sociedade. Por sua vez, a instituição escolar, bem como seus professores, sofre com a quantidade de alunos considerados indisciplinados, e esta é uma crescente que traz impactos sérios ao trabalho pedagógico de professores, à interação em sala de aula e do aluno com seus pares. Assim, o que pretendo avaliar é quem são essas crianças indisciplinadas que trazem consigo uma “rebeldia” e que atrapalham o cotidiano da sala de aula. E como estes estão inseridos no contexto escolar e, ao mesmo tempo, como a escola esta lidando com esta problemática. Este estudo esta orientado para a preocupação de inserir estas crianças consideradas indisciplinadas no contexto da educação.

Palavras-Chave:

Palavras-chave: Indisciplina – Inclusão – aluno- Professor - escola

SUMÁRIO

Apresentação-----	8
-------------------	---

Parte I – Refletindo sobre a indisciplina no contexto escola e a estrutura social da família.

1.1-O que é indisciplina e como esta se manifesta no contexto escolar-----	11
--	----

Parte II – Regras de convivência e indisciplina

2.1-Reflexões a cerca do desrespeito e limite de convivência-----	13
2.2- Bullying.-----	16
2.3-E a falta de projetos eficazes para os excluídos. -----	17

Parte III – Reflexões a cerca das implicações que esta além das atitudes Pedagógicas.

3.1-O Descaso com o professor que também pode ser considerar excluído. -----	18
3.2- Por um olhar inclusivo, em oposição ao excludente. -----	21

Objetivos-----	25
----------------	----

Metodologia-----	26
------------------	----

Resultados e discussão-----	29
-----------------------------	----

Considerações finais-----	30
---------------------------	----

1 APRESENTAÇÃO

Não é de hoje que é discutido o problema da indisciplina na escola. Em um contexto geral, ela esta presente no cotidiano pedagógico dos professores, materializando-se em alguns alunos, que não aceitam regras, normas, tem pouca ou nenhuma noção de valores, respeito mútuo e pouco sabem conviver com colegas e professores.

Atualmente estamos vivenciando na escola, várias atitudes de indisciplina, que acabam gerando um ambiente de agressividade e que, por muitas vezes levam o corpo docente a um descompasso em seu trabalho pedagógico.

Como professora regente de crianças e pré-adolescentes que, por sua vez, trazem para a escola a sua vivência aprendida na família, o tema que respondesse sobre indisciplina atraiu a pesquisa deste trabalho. É justo lembrar que essa inquietação pela busca por melhores condições de trabalho, com vistas em amenizar o problema da indisciplina na escola é parte do cotidiano de todos os professores com quem (com) vivo. Todos! A região em que trabalho é considerado carente de recursos materiais, de saúde pública, saneamento básico entre outros. Desse modo, as crianças que frequentam a escola dessa região são crianças que tendem a espelhar as dificuldades de seus cotidianos no desempenho escolar. Considerando que muitas delas não se alimentam adequadamente, não possuem os materiais para estudo, não dormem com tranquilidade, não têm acompanhamento ou mesmo estrutura familiar, tudo isso reflete, muitas vezes, em um quadro de dificuldade de aprendizagem.

Há também, na região, problemas de envolvimento da comunidade com drogas e prostituição.

Diante dessa realidade, o que muito me intriga é o aumento da quantidade de crianças e jovens com graus elevados de indisciplina e a escola, por sua vez, não se compromete em buscar ações que visam desenvolver trabalhos que possam ser relevantes a esses alunos. Ações como projetos e trabalhos que estas crianças, consideradas indisciplinadas, “enxergassem” como um contraponto à sua realidade e, dessa forma, seria justo acreditar que é possível conquistar a autonomia reflexiva.

Enfatizando que estas crianças e jovens, normalmente provêm de um ambiente familiar de ausências, são carentes de afeto e valores, e diante desta “carga” psicológica trazem á escola o reflexo deste modelo de educação.

É notória a dificuldade da escola em trabalhar com esse indivíduo, considerado um “problema” para os profissionais da educação, que por muitas vezes sentem-

se incapacitados para lidar com esta questão, visto não terem o amparo devido de profissionais especialistas no auxílio a uma educação para inclusão.

Contudo, como professora regente, e fazendo uso da observação, me deparo com questionamentos, que provêm do meu cotidiano de trabalho:

Quem são esses indivíduos considerados indisciplinados? O que podemos fazer por eles?

Como fazer?

O professor sozinho é capaz de ajudá-los?

Que projetos a fim de minimizar estas situações podem ser desenvolvidos?

A escola de fato é inclusiva? Se sim ou não, por quê?

É importante salientar que é princípio básico para a educação é ter uma escola para todos e construída por todos, onde se formam cidadãos éticos e reflexivos capazes de atuar na sociedade com autonomia. A saber, em (Tiba 2013,146) “Classes muito barulhentas, nas quais ninguém ouve ninguém; salas muito quentes, escuras, alagadas, ou sem condições de acomodar a todos os estudantes são locais pouco prováveis de se conseguir boa disciplina”.

Assim, neste estudo, procuro analisar o que a escola poderia fazer frente à inclusão da criança indisciplinada e contribuir para a formação dos docentes com os conhecimentos adquiridos por meio do estudo aqui aplicado.

Mediante essas considerações, este trabalho tem a perspectiva de ampliar o campo de conhecimento que permeia a indisciplina na escola, e desse modo contribuir para o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais eficaz.

Sendo necessário, compreender as causas da indisciplina na escola e identificar os obstáculos que impedem a mesma de realizar a inclusão da criança considerada indisciplinada.

Vamos pesquisar as causas da indisciplina no contexto escolar;

Identificar quem são os indivíduos considerados indisciplinados e;

Ser capaz de promover um diálogo crítico entre docentes e gestão escolar a fim de indicar possíveis estratégias para o atendimento escolar da criança indisciplinada.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O que é indisciplina e como esta se manifesta no contexto escolar:

Para Aquino (1998), “Indisciplina e baixo aproveitamento dos alunos representa dois grandes males da escola contemporânea, geradores do fracasso escolar e os principais obstáculos para o trabalho docente.”.

Podemos parar para uma reflexão, nos perguntando o que está acontecendo com nossas crianças e jovens, quais são os programas sociais e educativos que de fato trazem para estes o amparo, ou seja, perspectiva de uma vida melhor. Estamos comemorando 25(vinte e cinco) anos da criação da ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente e, estatisticamente, segundo estudos do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [em pesquisa mostra] a relação de crimes de adolescentes com a desigualdade social, ou seja conforme o órgão, o perfil médio do adolescente em conflito com a lei é de um homem, entre 16 e 18 anos, fora da escola, sem trabalho e vivendo em uma família considerada “extremamente pobre”.

Em Julio Groppa Aquino (1996), “Porém, parece ser essa a queixa atual, traduzida notadamente pelo vocábulo, “limite”, as crianças hoje, não teriam limite, os pais não os imporiam, a escola não os ensinaria, a sociedade não os exigiria a TV os sabotaria etc.”.

É comum no ambiente escolar ouvir dos professores o quanto é difícil trabalhar com a indisciplina, ou seja, com o aluno considerado um “problema”, em geral atrapalham as aulas, os professores e colegas, estes sofrem com pré-diagnósticos dos professores por em sua maioria serem parte de uma composição familiar de precária indicação de valores e afeto.

Se muitas vezes o problema se origina na forma pela qual a escola trabalha ou na ineficiência de determinado professor, em outras, até bem frequente, pode estar, sim, no aluno – que em muitos casos não estuda, está desatento e desinteressado. Apontar o professor com único responsável pelos fracassos no ensino é mascarar a realidade, especialmente quando isso ocorre sem uma análise profunda e concreta do processo desenvolvido. (ZAGURY,2006,35)

A escola como gerenciadora da realidade que a cerca, como reflexo das mudanças ocorridas na sociedade, exerce papel importante na formação e transformação do

cidadão, dessa forma, é possível analisar, o quanto a mesma tem fundamental papel na perspectiva da criança, para que a mesma se constitua em quanto sujeito atuante, e que para isso é necessário que a escola não “desista” da sua capacidade transformadora.

Em Tânia Zagury (2006) “Relevante é refletir honestamente sobre a prática que esta sendo desenvolvida no sistema educacional brasileiro”. “É preciso que nós, educadores, não tenhamos medo de pensar e repensar a realidade em bases concretas”.

Para Içami Tiba, (2013) “A violência é uma semente colocada na criança pela própria família ou pela sociedade que a circunda. Se ela encontrar terreno fértil dentro de casa, se tornará uma planta rebelde na escola, expandindo-se depois em direção à sociedade”.

É nesse ponto e contraponto, que educadores se baseiam unicamente, para relatarmos o fracasso escolar do aluno.

Pausa para reflexão: Por que o aluno abandona a escola? Por ter sido reprovado duas, três vezes- ou por não ter aprendido? Por que ficou com “baixa auto estima” – ou por perceber que, após anos, continua sem saber ler, escrever, entender um gráfico? Por estar “traumatizado” – ou por ter perdido a esperança de progredir? Por ter sido reprovado – ou porque precisa sobreviver, e dali, ele já compreendeu, nada mais virá? (ZAGURY, 2006, 61)

É relevante ressaltar que precisamos mudar posturas, sair do que chamamos de “achismos” para um agir mais científico. É necessário o aprendizado contínuo, dialético, crítico, para que haja reflexão do significado real do ato de ensinar, de entender o outro, e de realizar a inclusão.

Contudo há algumas considerações que devemos fazer, o atual cenário da escola brasileira é no mínimo preocupante, a crescente indisciplina dos alunos recorrente a todas as séries de ensino, traz ao professor uma carga de estresse, visto que cotidianamente lidam com crianças agressivas, às vezes físicas e ou verbais, estas não se demonstram arrependidas, criando ambientes hostis, gerando um descompasso no trabalho pedagógico.

O que se tem na atualidade, é um conjunto de regras escolares que estão obsoletas, o professor ao sofrer com a indisciplina busca apoio no corpo de liderança da escola, que em muitos casos não são especialistas, e estes conduzem o aluno a sanções que são gerais a toda escola: Advertência, suspensão e expulsão, dependendo da gravidade da ocorrência.

E nesse processo buscamos os culpados, para, assim, aplicar as sanções escolares, nesse compasso segue a rotina escolar.

Reflexões a cerca do desrespeito e limite de convivência.

Vamos refletir como a indisciplina esta se manifestando na rotina escolar.

Hoje, os novos paradigmas de uma sólida educação contemporânea exigem não permitimos que as crianças façam em casa e em suas respectivas escolas o que não poderão fazer na sociedade. Elas devem ser ensinadas a praticar em casa a cidadania familiar, e na escola a cidadania escolar – ou seja, as crianças ensaiam, com a ajuda de pais e professores, a disciplina, que tem de ser, aprendida e praticada para fazer parte de cada indivíduo, como se fosse uma língua-mãe. (TIBA, 2013, 19)

Realizei uma pesquisa, entrevistei 8 (oito) professores, que trouxeram informações para acrescentar a este trabalho, todos os professores entrevistados revelaram ter alunos indisciplinados, em maior ou menor grau de indisciplina, eles estão presentes nas salas de aula, e os professores buscam soluções no enfrentamento de tais situações. [A professora relata, a indisciplina pra mim é a falta de respeito com o professor e seus pares (aluno e aluno)].

O tempo despendido para cada entrevista foi de 15 minutos, no mínimo, e 30 minutos no máximo. É imprescindível destacar que os professores entrevistados demonstraram muita preocupação com o cenário atual da educação, principalmente no que diz respeito indisciplina dos alunos, grande parte dos entrevistados relatou que não há, na escola projetos de minimização de atitudes indisciplinares, ainda enfatizando a ausência do estado e da família.

Desse modo é importante ressaltar em (Içami, 2013, 25), “Hoje os grandes responsáveis pela educação dos jovens - na família e na escola, não sabem cumprir bem seu papel. É a falência da autoridade dos pais em casa, do professor em sala de aula, do orientador na escola”.

Com vista às entrevistas é possível analisar que os professores convivem com a indisciplina, mas que em si, não sabem lidar com ela, continua a tolerar alunos indisciplinados que atrapalham o projeto didático da aula.

O conceito de saúde psíquica está ainda hoje, muito baseado no funcionamento do indivíduo. Eu criei a Teoria da Integração Relacional com base nos princípios psicodramáticos de Jacob Levi Moreno, que afirma que a pessoa precisa atingir saúde social – que é o equilíbrio entre o ser individual e relacional. Seus pilares são a

disciplina, a gratidão, a religiosidade, a ética e a cidadania. Nessa teoria, disciplina significa qualidade de vida individual e social. (TIBA, 2008; 49)

Devemos como profissionais da educação ter um pensamento reflexivo, autônomo, com base científica sair do campo dos “achismos”, para que possamos analisar a prática com maior coerência e capacidade crítica.

Se muitas vezes o problema se origina na forma pela qual a escola trabalha ou na ineficiência determinado professor, em outras, até bem frequentes, podem estar, sim no aluno, que em muitos casos não estuda, esta desatenta e desinteressada. Apontar o professor como único responsável pelos fracassos no ensino é mascarar a realidade, especialmente isso ocorre sem uma análise profunda e concreta do processo desenvolvido. (ZAGURY,200;35)

É possível analisar que por muitas vezes os professores são os únicos responsáveis por que se passa na escola, ou seja, se há reprovações, se a turma não tem rendimento satisfatória e principalmente pela indisciplina dos alunos. O professor solitário aprende a lidar com todas essas questões, visto que o sistema de ensino não oferece especialistas que os ajudem no processo cotidiano da escola. O que temos na maioria dos Municípios e Estados são uma rede de ensino com carência de profissionais qualificados e alunos que necessitam de atendimento, esperando em longas filas.

No Brasil, as mudanças educacionais têm sido “de papel”, ocorrem na “lei”. Mas lá na sua sala de aula, o professor não recebe o treinamento de que necessita para efetivar com segurança o novo modelo. Muito menos chegam a ele suportes necessários de infraestrutura física, material, ou os equipamentos que poderiam ao menos possibilitar alguma chance de sucesso. (ZAGURY;200,45)

A disciplina parece ter se tornado particularmente problemática, dessa forma estamos diante de uma questão que precisa de atenção, faz parte da rotina escolar e estatisticamente é alto o número de professores que “gritam” por socorro. Estão estressados, desmotivados e necessitam serem ouvidos. Em Zagury (2006), “Façamos da educação uma ciência. Um trabalho que permaneça acima e além dos interesses pessoais, políticos ou partidários. Em que não se escamoteiem objetivos, nem se admita tergiversação”.

Diante dos fatores da indisciplina, ressalto o que todos os professores relataram em entrevista, ou seja, as ausências da educação familiar deixaram de oferecer a suas crianças a educação básica e não acompanha a rotina escolar dos filhos, a professora

relata: [“A precariedade condições financeiras, desestrutura familiar, agressividade, envolvimento familiar com drogas”]. Todos esses fatores influenciam no comportamento e aprendizagem do aluno. [A saber, em Içami, 2013: Nenhuma criança pode ser regida por crianças].

É importante analisar que em tempos contemporâneos houve significativa mudança na constituição familiar, que não é mais, somente formada pelo modelo tradicional, estão se diversificando, principalmente pelo gênero e pela responsabilidade apenas de mulheres. Esse novo núcleo familiar é parte da sociedade atual, porém a escola não possui ainda a compreensão desses fatos, o saber lidar com toda essa diversidade, nesse sentido o modelo tradicional permanece, estamos desatualizados e desencorajados para romper com paradigmas. Em Tiba Içami, 2008; pag; 48, “A cada uma, família e escola, cabe cumprir a parte que lhe compete, mesmo que possa haver algumas áreas de confluência e sobreposições, pois, para a escola, seus alunos são transeuntes curriculares, para os pais, seus filhos são para sempre”.

Também, é necessário enfatizar que se torna cada vez mais habitual, a família delegar à escola, o que lhe cabe, a educação dos filhos, sendo ausente, negligenciam aspectos básicos de educação e convivência social, nesse sentido os filhos não aprendem o que é respeito mútuo, disciplina entre outros aspectos importantes a educação familiar, assim o reflexo é imediato na sala de aula, e conseqüentemente os professores, absorvem todos os fatores, como a falta de educação destes, os traumas e as delinquências juvenis.

Os pais contemporâneos perderam suas referências educativas, pois o que eles viveram quando crianças não servem mais e eles ainda não adquiriram novos recursos para educar estas “criancinhas” tão independentes, cheia de argumento, altas prontidão nas respostas e reivindicadoras com fortes enfrentamentos. (TIBA, 2008, PAG;49)

Dessa forma o professor tem que “parar” sua aula, e chamar a atenção de alunos desrespeitosos, que quebram regras da boa convivência, não sabe lidar com o “não”, e sem limites seguem descontrolando o processo didático da aula.

Assim, tiranas são as crianças que mandam e desmandam nos pais e avós e já querem mandar também nos seus professores e funcionários da casa. Estes adultos, mesmo tendo poder, não tem autoridade, pois os tiraninhos não lhes obedecem. “Acabam tomando o poder pela autoridade conferida pelos seus próprios pais”. (TIBA, 2008; 23)

E assim seguem desafiando, pais, professores e pares.

Bullying

É uma queixa comum nas escolas o Bullying, ou seja, agressões que podem ser verbais, físicas e psicológicas, que de forma repetida constroem e humilham o outro. Quem está em sala de aula, sabe que é notório como as crianças a facilidade de encontrar em seus pares, o que lhe de certa forma “fraqueja”, muitos de forma habitual utilizam-se de recursos pejorativos para atingir o colega de sala, e da escola. {[Em Tiba Içami 2013, pag 179] “ Bullying – Certos alunos juntam-se para rejeitar ou agredir um colega que é diferente dos demais. Em geral, o agredido é mais frágil que os demais e não tem condições de defender-se sozinho na hora”.

É necessário que o professor esteja preparado para intervir e não permitir que tal situação ocorra, caso contrário, será necessário à interferência da direção escolar e orientadora visto a zelar pelo aluno que está sendo prejudicado.

A falta de projetos para os excluídos:

Na pesquisa que realizamos, a maioria dos professores informou que na escola que trabalham não há projetos que visam minimizar a violência física e verbal, os professores em grande parte do seu tempo, convivem em sala de aula com situações de agressividades e hostilidade, ora entre aluno e professor, ora entre alunos e seus pares, dessa forma, o fenômeno da indisciplina ganha força, adeptos, provocando a desordem escolar. Mesmo com os professores, criando e utilizando os seus métodos disciplinares, visando conduzir sua aula em concordância com o planejamento, se veem sozinhos, adoecendo, cansados, e deprimidos conduzem o ensino.

O mais curioso é que a escola possui conceitos do que é a indisciplina e lida com ela diariamente, porém não tem o real incentivo para ressignificar-se e elaborar projetos efetivos no combate a indisciplina. Continuam com sanções administrativas, que já não tem significado para os alunos e sequer os mesmos ficam abalados com as mesmas, ou seja, não respeitam mais tais sanções, é como se a mesma não tivesse efeito. Com tudo isso, aqueles que considerados indisciplinados e que repetidamente continuam com mesmo comportamento, são de fato convidados a se retirarem da escola (expulso), e sendo matriculados em escolas diversas, na cidade que residem, tornam-se “figurinhas” carimbadas pela rede de ensino local, e sem apresentarem melhoras, desistem, e são estes os seres humanos que estão em sua maioria à margem da sociedade.

É imprescindível destacar que não é tarefa fácil lidar com alunos indisciplinados, eles esgotam os limites, porém é importante refletir que apesar da maioria deles prover de lares desestruturados, ainda assim, a escola poderia realizar um trabalho significativo tornando-se referência positiva na vida desse aluno. Contudo seria preciso que as escolas tivessem equipes de trabalho multidisciplinares, com especialistas, que seriam apoio ao aluno e professor, como um “resgate” a tentativa de motivar este aluno para o aprendizado significativo. Muitos deles necessitam de recursos e manejos diferentes, que possam motivá-los, envolve-los em práticas educativas diferenciadas, talvez, seja utópico, porém totalmente possível se houvesse políticas públicas sérias de valorização do macrossistema educacional. Em Zagury, (2006, 35), “Ignorar que parte dos alunos, por razões sociais ou pessoais, não querem, não gostam de estudar, e muito menos de se esforçar para aprender, é igualmente ignorar que o ser humano é múltiplo e que cada indivíduo é único e reage diversamente aos estímulos recebidos”.

Não tenho a pretensão de considerar que a escola solucionará todos os problemas, mas não devo me conformar, com o que esta acontecendo, considero necessário a criticidade, a reflexão científica associada à práxis, assim como em (Zagury, 2006, 37) “É preciso que nós educadores, não tenhamos medo de pensar e repensar a realidade em bases concretas”,

É claro que muitos outros pontos podem ser considerados, visto que a educação é um sistema interdependente, macro, sendo a escola o fim em si mesmo, sendo necessário que autoridades governamentais, visassem o seu pleno funcionamento e desenvolvimento, a saber, em (Zagury, 2006, 44) “Nas últimas décadas, autoridades educacionais vem adotando medidas que parecem ignorar (desconsiderar?) as condições reais de trabalho nas salas de aula”.

O descaso com o professor que também pode se considerar um excluído

É imenso o descaso com a educação no Brasil, segue a falta de empenho e vontade política de mudar, de cumprir com o dever, ou seja, de investir consideravelmente na educação, em sua infraestrutura, acessibilidade, contratação de pessoal especializado, docentes, remuneração etc.

Pausa para reflexão: Por que o aluno abandona a escola? Por ter sido reprovado duas, três vezes, ou por não ter aprendido? Por que ficou com “baixa autoestima” ou por perceber que, após anos, continua sem saber ler, escrever, entender um gráfico? Por estar “traumatizado” ou por ter perdido a esperança de progredir? Por ter sido reprovado ou porque precisa sobreviver, e dali, ele já compreendeu, nada mais verá? (ZAGURY, 2006, 61)

É inaceitável o que ocorre hoje no cenário educacional, principalmente do ensino básico, escolas sucateadas, sem recursos didáticos e midiáticos, infraestrutura, pouco ou nenhum material de trabalho, professores sobrecarregados, sem disponibilidade e recursos financeiros para sua capacitação continuada. Falta mão de obra, especialistas, e nesse ciclo vicioso, os professores que ainda insistem com bravura na carreira do magistério, muitos estão com sérios problemas de saúde.

Como o professor, do nosso tempo, esta absorvendo tudo isso? Constatamos em nossas entrevistas, que a classe docente esta adoecendo, relato da professora: [“A um alto índice de profissionais afastados por estresse, falta compromisso do estado, gerando

depressões na categoria”]. Em (Tiba, 2013, 66) “Os delinquentes sociais nada mais são que os folgados familiares que praticam na sociedade os abusos que já faziam em casa.”.

É relevante ressaltar que o ofício de ensinar requer tamanha responsabilidade, em (Tiba, 2013, 151), “O professor deve ter muita criatividade para tornar sua aula apetitosa, os temperos fundamentais são alegria, bom humor, interação, respeito humano e disciplina”.

É lamentável constatar, mas a maioria das escolas hoje não Brasil, não tem sequer o acesso disponibilizado a internet, algo que poderemos dizer que em tempos atuais é imprescindível, como fonte de pesquisa, sendo recurso didático interativo, que poderíamos utilizar vídeos e clips de demonstração, tornando as aulas ilustrativas, interessantes e dinâmicas. Sendo relevante dizer que os próprios alunos, estão com o acesso à informatização e internet em suas residências e ou comunidade, a escola dessa forma transforma-se em algo que podemos classificar obsoleto, ou desatualizado. Assim exige-se do professor que suas aulas sejam “apetitosas”, mas na prática ninguém vai as escolas para verificar o que se tem de material didático, chegamos ao ponto de não se ter papel para impressão, impressora, tinta e etc., essa é a realidade. E mesmo assim o professor labuta, cria, recria, dinamiza suas aulas, a fim de criar situações que visam o pleno desenvolvimento do aluno. Acredito que o professor seja um dos profissionais mais criativos da nossa sociedade, pois, ainda com poucos recursos, é capaz de transformar seu ambiente de trabalho, em um local de permanência prazeroso e dinâmico.

Do outro lado temos a desestruturação familiar, latente e manifesta em tempos atuais, estas possuem em sua maioria precariedade de recursos financeiros, sociais e até psicológico. São crianças abandonadas por quem deveria amá-las. Existe a falta de exemplos positivos dos seus protetores, pais e responsáveis.

Chamo a atenção, também, para o cenário político atual brasileiro. Como nossa sociedade esta carente dos bons exemplos, o que temos é corrupção, flagelo, total descompromisso dos governantes, esses exemplos negativos induzem a sociedade a práticas negativas, visto que a grande massa da população faz a seguinte análise, se o meu governante faz e nada acontece, porque não fazer também, infelizmente é essa nossa realidade.

É necessário escutar nossos docentes, verificar e analisar cotidiano escolar para assim elaborar leis e projetos que de fato ajudem a linha de frente, ou seja, os docentes. Os professores têm anseios, são profissionais, como todos os outros, das diversas categorias, ou públicas e privadas, possuem necessidades e precisam ser valorizados. A cada dia aumenta o quadro de docentes que estão sofrendo com depressões, estresse e até mesmo com surto psicótico. São estes julgados pela sociedade, em (Zagury, 2006, 25), “Ser professor

nunca foi uma tarefa simples. Hoje, porém, novos elementos tornaram o trabalho docente ainda mais difícil. A disciplina parece ter-se tornado particularmente problemática”.

Consideramos que a indisciplina não afeta apenas o professor, ela se faz um tripé, ou seja, se envolvem professor, aluno e colegas.

Hoje, os alunos esperam que a desempenho do professor se assemelhe à de um showman, uma espécie de mágico que os encante... Esperam também que em cada aula o mestre lhes apresente desafios, questões engraçadas, divertidas e interessantíssimas, além de ter a capacidade de gerir os inúmeros (e cada dia mais violentos) conflitos que ocorrem em sala, decorrentes da falta de limites e da violência social.” “ Só não sabem, esses pobres alunos, formados e iludidos por essa visão idealizadora do que seja “ensino moderno”, que as condições de formação e trabalho docentes não muito mudaram. (ZAGURY, 2006, 51 e 52)

Por mais que seja difícil admitir, o que está ocorrendo é que a maioria dos programas de ensino são elaborados mediante teorias “fantásticas”, e novas exigências são requeridas ao professor, porém de fato ninguém vai ao núcleo escolar para ouvir os docentes, verificar suas condições de trabalho, o que ele pensa e deseja para a educação. Infelizmente é assim que se faz a educação no Brasil. Muita teorização e pouca aplicabilidade prática.

Não há, entre a maioria dos profissionais, um domínio suficiente dos quadros teóricos que permitam uma compreensão clara dos processos de aprendizagem que permitem responder algumas questões essenciais: Como o conhecimento é representado na memória? Como funcionam as memórias de trabalho e permanente? Como elas são conectadas? Como a informação é condensada e a automação ocorre? Como o conhecimento é construído? Como as pessoas são motivadas a prestar atenção? Como elas recuperam e transferem o que aprendem? Como tomam consciência e dirigem sua aprendizagem? Sem essa compreensão, fica muito difícil planejar o ensino, isto é, programar condições específicas e apropriadas para a aquisição de competências tão distintas como conhecimento sobre fatos, conceitos e teorias e para o desenvolvimento de habilidades motoras, sociais intelectuais, estratégias cognitivas e atitudes. (BORGES; ABBAD SILVA, MOURÃO, 2006; 183)

O que temos e repito é muita teorização e pouca aplicabilidade prática, sendo importante ressaltar que somos geridos, em grande parte, por quem nunca adentrou uma sala de aula, como docente, e ou conhece a realidade da escola pública. Com todas as mudanças ocorridas nesse século, com a modernização, a informatização, globalização, a pesquisa entre outras, é notório que a escola pública não tenha acompanhado tal evolução, é como se ao entrar em uma escola estivéssemos em outro tempo, passado, sem tecnologia, acessibilidade

modernização, pluralismo de ideias, e nossos alunos sendo conhecedores de toda a evolução, vê a escola pouca atrativa, e assim continuamos...

E ainda em (Zagury, 2006, 63) “Final da história, repito com tristeza: professor hoje é refém”.

O que de fato esta ocorrendo é que cada vez mais diminuem a procura pela área do magistério, poucos escolhem como 1º(primeira) opção os cursos de licenciatura, por desejarem efetivamente esta carreira. Em (Zagury, 2006, 71) “ O professor não é psicólogo, não “trata” alunos. Ele pode e deve sim compreender os problemas, ser afetuoso e ajudar no que for possível em termos humanísticos, mas sua função precípua é ensinar”. “Professor é aquele que ensina”.

Portanto é necessário considerar, que a formação docente, tem sua amplitude, são saberes que inter-relacionados originam uma ciência, devendo a formação ser continuada e especifica ao ato de ensinar. Nesse sentido a escola por ser celeiro da diversidade e pluralidade humana, exige a presença de outros profissionais especialistas, que na essência é suporte ao aluno e professor, principalmente aquele aluno que necessita do atendimento especializado, assim o psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo, educador físico e a assistência social são importantes componentes a rede de ensino.

Por um olhar inclusivo, em oposição ao excludente:

Em minha pesquisa de campo, foi constatado que a maioria dos entrevistados, considera que o estado e a escola poderiam ter ações planejadas para melhorar e minimizar os problemas relacionados à indisciplina. No relato da professora: [A escola poderia sensibilizar a criança, com a arte, música, educação física e teatro]. Ainda outra: Formação familiar, investimento na família, projetos na escola, assistência social. Projetos a nível Federal, Estadual e Municipal.

A visão globalizada da formação das novas gerações não é uma novidade do século XXI. O século XX, desde seu início, esta repleto de pedagogos e estudiosos da educação cujas teorias remetem á necessidade de a escola inserir seu trabalho, o mais amplamente possível, no contexto social. (ZAGURY, 2006, PAG. 120)

Já algum tempo se tem pensado e analisado a problemática que envolve a indisciplina na escola, em tempos atuais, sabemos que ela é uma crescente, e que as sanções administrativas aplicadas pela escola, não estão contendo tal comportamento. As escolas não estão sabendo lidar com essa premissa, e conduzem os alunos a expulsões, professores

sozinhos tentam “de tudo” para que estes melhorem seu comportamento e aprendizado, sem êxito, desistem.

Talvez de fato essas crianças devam ser severamente punidas, porem façamos uma reflexão: O que a escola fez para resgata-la? Ouve uma escuta, um saber compreender aprofundado? Esta foi atendida por especialista? Se sim, qual o diagnostico? O professor foi orientado para melhor atender este aluno? Enfim o que se foi feito.

O que temos na realidade são algumas crianças mal educadas, que não reconhecem valores essenciais de respeito mútuo e que provém de lares desestruturados, refletindo tal comportamento no cotidiano escolar, e professores exaustos com salas cheias, direcionam estes para a direção da escola, que sem muitos recursos, consideram melhor convidar tal aluno pra se retirar da escola.

E esses alunos, então sem concluir seu processo de aprendizagem, ficam a margem da sociedade, e sem o reconhecimento da estrutura familiar e ou educacional permeiam pela vida, muitos ou em sua maioria marginalizando-se.

Se você encontrar uma porta á sua frente, pode abri-la ou não. Se você abrir a porta, pode ou não entrar em uma nova sala. Para entrar, você vai ter de vencer a dúvida, o titubeio ou o medo. Se você venceu, dá um grande passo: nessa sala, vive-se. “Mas tem um preço: inúmeras outras que você descobre”. “ O grande segredo é saber quando e qual porta deve ser aberta. Não existe a segurança do acerto eterno”. (TIBA, 2008, 81)

É chegada hora de perguntar, quais as portas abertas para essas crianças consideradas indisciplinadas, fruto de lares desestruturados, e que sem recursos sociais, vivem em uma sociedade de poucos exemplos positivos e possibilidades. O que a escola como propulsora de um saber sistematizado, humanizado e inclusivo tem feito, para conduzir essa criança e jovem e lhe oferecer uma oportunidade de mudança. Será que estamos fazendo isso? Ou apenas sendo o reflexo do que já é “posto”, uma sociedade de desigualdades.

Diante dos fatos, é importante refletir, como é a estrutura das nossas escolas, qual é o tipo de acessibilidade que estamos promovendo, com escolas sem a estrutura necessária para o desenvolvimento do conhecimento, habilidades e atitudes. Nossas salas de aulas não possuem a iluminação e acústica adequada, os professores continuam sem material adequado de transferência, e ainda sem condições de promoverem a educação continuada. Muitas não possuem quadra esportiva e nem sequer uma biblioteca. (Paín,1992, 39) “Na família operária a dificuldade da criança é vista comum um “estar em falta” , não cumprir com o dever, não estar à altura de uma instituição prestigiosa e alheia, o que expressam

dizendo que “ a criança não serve para a escola” (quando na realidade faz-se necessário esclarecer que a escola não serve para a criança).

Quais são nossas políticas de inclusão, quando digo Inclusão, é de todos e para todos, não somente para crianças especiais portadora de uma síndrome, mas também daquelas que fazem parte do contexto escolar e que precisam ser “vistas” como seres humanos integrais e plurais, com possibilidade de ajustes e emponderamento. Em Paín, 1992, pág.: 18; “Através da educação a civilização pretende manter a pulsão em seus trilhos, e aproveitar sua energia em obras culturais”. A educação por si só deve ser inclusiva.

Em minha experiência docente constato o quanto somos inábeis, ainda, para lidar com o que foge da linha tradicional de ensino. Nós professores nos sentimos sozinhos nesse processo de construção mútuo do conhecimento. A realidade é que temos que por muitas vezes deixar a esfera do ensinar e aprender, para sermos, pais, psicólogos, enfermeiros, oculistas, assistente sociais, entre outros. Com tanta sobre carga, “vamos abandonando” essas crianças que consideradas indisciplinadas, são um problema para a escola.

A gente pode morar numa casa mais ou menos, numa rua mais ou menos, dormir numa cama mais ou menos, comer uma comida mais ou menos, A gente pode olhar em volta e sentir que tudo esta mais ou menos. Tudo bem. O que a gente não pode mesmo, de jeito nenhum, é amar mais ou menos, ser amigo mais ou menos, acreditar mais ou menos...Senão a gente corre o risco de se tornar uma pessoa mais ou menos. Acrescento, por minha conta e risco: Nós, docentes, nas condições atuais, não podemos, de jeito algum, ensinar tudo, e muito menos, ensinar tudo mais ou menos. (ZAGURY, 2006, 122)

Pergunto, será que a educação brasileira não esta sendo conduzida de forma mais ou menos. Quem são os especialistas e cientistas, quais são os investimentos destinados à educação. Quantos são os jovens, que vivem na periferia das grandes capitais e que abandonam as escolas, para viverem marginalizados.

A reação familiar diante do fracasso escolar, ou do não cumprimento das regras gerais de crescimento, depende dos valores que dominam a classe e o grupo social aos quais pertence a família. O fracasso escolar não é tão grave num núcleo com escassa expectativa de promoção social, como naquelas classes que conquistaram o poder através da profissionalização. (PAÍN, 1992, 39)

Nesse sentido, e, contudo vejo a possibilidade de incluir também o aluno considerado indisciplinado, será necessário mudar posturas, resguinissificar conceitos, ter investimento assertivo, propor mudanças, porém para que tudo isso ocorra, nossos governantes devem valorizar a educação, e todos aqueles que estão inseridos nesse contexto.

É preciso ressaltar que o idealismo é o grande motor das invenções, das descobertas, dos empreendimentos sociais, políticos, econômicos e culturais que possibilitam às mudanças, as realizações dos sonhos, a concretização de desejos acalentados, muitas vezes por toda vida. Sem exageros, podemos dizer que o idealismo esta para vida como o coração esta para o corpo. (CHALITA, 2003, 53)

Por estar em uma sala de aula, e ter este enfrentamento com a criança e jovem indisciplinado, que surge a minha inquietação para investigar esse tema, vejo o quanto as instituições de ensino poderiam fazer, porem nada é feito, culpados, não é interessante dizer quem são, o mais importante é relatar que somos, também, enquanto instituição escolar, excludores, visto que o que fazemos, poderia ser muito mais.

Dessa forma, como uma professora idealista, imagino a educação verdadeiramente inclusiva, com recursos, financeiros e materiais, acessibilidade, profissionais especializados. E que se esgotem as tentativas de resgatar a criança e o jovem que com dificuldade latente de permanecer na escola, de aprender e relacionar-se, possam sim ter a chance de mudança. É a partir da educação e sobre tudo do entendimento que ensinar é algo extremamente responsável e que deve ser feito por pessoas competentes, que iremos de fato iniciar a transformação na educação do Brasil.

3 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

Apontar a necessidade de políticas que olhem para o processo inclusivo e não excludente do aluno considerado indisciplinado.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

Qualificar o que é indisciplina para os professores, e quais os seus tipos.

Refletir sobre as possíveis atitudes que excluem esses alunos do processo pedagógico.

4 METODOLOGIA

4.1 - Fundamentação Teórica da Metodologia

Aplicação de questionário contendo 8 (oito) perguntas dissertativas, essas perguntas foram formuladas com a finalidade de verificar o conhecimento do professor em relação a indisciplina, e como o mesmo esta “lidando” com situações em seu cotidiano de trabalho, assim como saber qual o impacto da indisciplina na gestão da sala de aula, como na saúde do professor.

As entrevistas tiveram em média 30(trinta) minutos, sendo realizadas individualmente.

4.2- Contextos da Pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Delma do Carmo, localizada no Município de Novo Gama- GO, realizei um questionário contendo 8 (oito) perguntas dissertativas, essas perguntas foram formuladas com a finalidade de verificar o entendimento do professore em relação a indisciplina, e como o mesmo esta “lidando” com as situações de indisciplina em seu cotidiano de trabalho e o impacto da indisciplina na gestão da sala de aula.

4.3- Participantes

Participaram da entrevista - professores regentes do ensino fundamental, todos com ensino superior concluído e 90% com especialização *Latu-sensu* completa. A média de anos no magistério está entre 5(cinco) e 20(vinte) anos de docência.

4.4 - Materiais

Foram utilizados os seguintes materiais: Cronograma de entrevista impresso, com as perguntas a serem realizado, caderno para anotações das respostas, sala ampla e particular para a realização individual da entrevista.

4.5- Instrumentos de Construção de Dados

Modelo de questionário para entrevista

Fale-me sobre sua formação e tempo de atividade no magistério.

.O que você entende por indisciplina?

1- Quantos alunos sob sua responsabilidade são considerados indisciplinados?

- 2- Quais são as atitudes que os levam a serem considerados indisciplinados?
- 3- Será possível descrever coincidências acerca da personalidade e\ou condição social e familiar dos “indisciplinados”? Quais são?
- 4- A indisciplina ocorre com maior frequência na relação professor e aluno ou alunos e seus pares?
- 5- Há projetos em sua escola que são desenvolvidos para minimizar ou lidar com a realidade da indisciplina, como código de conduta, apoio psicológico familiar etc.
- 6- Até que ponto esse comportamento interfere no desenvolvimento do seu trabalho pedagógico?
- 7- Sabemos que o fenômeno da indisciplina na escola é uma crescente, e que isso vem acarretando sérios prejuízos à educação de forma geral, como por exemplo, o estresse dos profissionais. Qual a sua experiência a cerca desse assunto?
- 8- O que sugere como possíveis caminhos para minimizar essa situação e incluir também esta criança na escola?

4.6- Procedimentos de Construção de Dados

A instituição escolhida para a realização de coleta de dados foi escolhida por ser meu ambiente de trabalho, o que facilitou o contato com os docentes por serem colegas de trabalho.

Primeiramente informei que estava realizando a pesquisa para coleta de dados em apoio ao trabalho de monografia e conclusão da Pós-Graduação.

A pesquisa foi feita com cada um, de forma particular, em ambiente de sala de aula, nesse momento sem alunos.

4.7- Procedimentos de Análise de Dados

As perguntas elaboradas para a entrevistas eram dissertativas e qualitativas, contendo perguntas que visaram à obtenção de informações relevante a cerca do professor, da formação acadêmica, além de obter informações sobre o conhecimento do professor a cerca da indisciplina, como criança indisciplinada, afeta o cotidiano de trabalho e quais os projetos e ou políticas que estão sendo realizadas para minimizar a problemática em questão.

Mediante a realização da mesma foi possível compreender qual o entendimento do professor sobre a questão, se o mesmo se sente preparado para lidar com a indisciplina, como estes fatores estão atingindo o trabalho pedagógico, e ainda ressaltando o relevante estresse

que esta causando aos professores, que muitos estão ficando doentes, como por exemplo a depressão, por se sentirem sozinhos em todo o processo de educação dos alunos.

Sendo ainda possível verificar que todos os professores têm alunos que são considerados indisciplinados, informando que a escola não possuem projetos que possam ser desenvolvidos para a minimização da indisciplina. Todos relataram “sofrer” com alunos indisciplinados, desrespeitosos, e o quanto esta problemática esta atingindo a categoria, pois muitos estão desmotivados, cansados e sem apoio escolar, comprometem sua saúde física e mental, dado a responsabilidade da sala de aula. Todos apontaram para soluções que viessem da melhoria das políticas voltadas a educação, compromisso dos governantes, projetos de escolas e secretárias de ensino, que envolvessem o aluno considerado indisciplinado, a família e a comunidade escolar.

Enfatizo as respostas contidas nas entrevistas realizadas por meio da pesquisa de campo. Nela é possível verificar o quanto os professores estão sentindo-se “sozinhos” no que faz referência à indisciplina. Possuem suas metodologias de equilíbrio do ambiente pedagógico, mas que, porém não estão sendo suficientes no cotidiano escolar. Com tudo, a maioria das escolas não possuem projetos assertivos para lidar com a criança indisciplinada.

E, poucos são os especialistas de apoio, ao sistema de ensino.

Pausa para reflexa: Por que o aluno abandona a escola? Por ter sido reprovado duas, três vezes – ou por não ter aprendido? Por que ficou com “baixa autoestima” – ou por perceber que, após anos, continua sem saber e escrever, entender um gráfico? por estar “traumatizado” ou por ter perdido a esperança de progredir? Por ter sido reprovado ou porque precisa sobreviver, e dali, ele já compreendeu, nada mais virá?(ZAGURY, 2006, 61)

Nesse sentido, é importante investigar quais são os fatores que estão levando ao aumento da indisciplina nas escolas e porque não temos o desenvolvimento de políticas que sugere o enfrentamento a essa problemática. Sendo, ainda necessário avaliar, como esta acontecendo à política de inclusão do sistema de ensino, sendo esta voltada para a criança que apresenta uma síndrome, ou seja, comprometimento da aprendizagem, mental e físico. Mas e as crianças que consideradas indisciplinadas são excluídas? Não há projetos que veem nesses alunos a possibilidade de mudança?

5- Resultados e Discussão Teórica dos Resultados

Mediante a realização das entrevistas foi possível compreender qual o entendimento do professor sobre esta questão, se o mesmo é preparado para lidar com o contexto da indisciplina, como estes fatores estão atingindo o trabalho pedagógico. Ressaltou-se o estresse que essa situação indisciplinar vem causando aos professores. Muitos ficam doentes, depressivos e desmotivados, por se sentirem sozinhos no processo de condução da educação dos alunos.

Sendo possível verificar que todos os professores lidam com alunos que são considerados indisciplinados, e que a escola não possui projetos que possam ser desenvolvidos para a minimização da indisciplina. Todos relataram “sofrer” com alunos indisciplinados, desrespeitosos, afirmando o quanto esta problemática está atingindo a categoria, pois muitos estão desmotivados, cansados e sem apoio escolar compromete sua saúde física e mental. Todos apontaram para soluções que viessem da melhoria das políticas voltadas à educação, compromisso dos governantes, projetos de escolas e secretarias de ensino, que envolvessem o aluno considerado indisciplinado, a família e a comunidade escolar.

Sendo relevante ressaltar que as maiores dos professores ressaltaram a ausência da família, na educação dos filhos, e conseqüentemente na participação da vida escolar da criança. O quanto os pais veem delegando à escola as suas responsabilidades, de educação familiar, e com isso o professor esta absorvendo toda essa problemática. Desse modo, atinge consideravelmente a rotina da sala de aula, causando prejuízos à aplicação dos conteúdos e processo de ensino-aprendizagem. Uma professora lembrou que [“A escola poderia sensibilizar o aluno, com a arte, a música, educação física e teatro”] A ausência de políticas de governo que valorizem o contexto da educação foi relatada por todos os professores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos erros ocorreram e continuam a ocorrer na educação do Brasil. Será necessário pensar na educação inclusiva, não como fator de legalidade, de leis e obrigações que devem ser cumpridas. Vivenciar a educação é compreender que a mesma é composta por seres humanos diferentes, plurais, e iguais entre si. Visto que são as diferenças que instigam o mundo ao aprendizado, é a partir da compreensão que todos somos capazes de aprender e ser, que a inclusão deve fazer parte de um processo de naturalidade à educação, não algo imposto, e buscado o cumprimento do acesso por meio de leis. Como podemos pensar, ainda assim, sendo que já se pressupõe que nós, seres humanos, não somos definido por 1(uma) ou 2(duas) teorias, o saber não se esgota. O que temos é uma compreensão equivocada do processo de inclusão, e ainda fortemente presente a desvalorização da educação, pois é através escolarização reflexiva que haverá mudanças na sociedade. Desse modo aqui aprendi que é necessário conhecer a criança indisciplinada, que esta deve ser sim considerada e incluída, visto que tem possibilidades de transformação, e ainda, o quando devemos evoluir em pesquisa, conhecimento, habilidades e atitudes para de fato buscar entendimento e soluções, visando o emponderamento de pessoas.

Assim destaco este pensamento:

Não te impressiona saber que o mais anônimo dos átomos tem poder capaz de arrasar cidades?

No entanto repara como se apagam e se escondem como se nada fossem, nada valessem, nada pudessem...

Don Hélder Câmara

REFERÊNCIAS

Tiba, Içami. Disciplina limite na medida certa. São Paulo: Intregare Editora, 2013. 251p

Zagury Tânia. O professor refém. 4º Ed. Rio de Janeiro: Record. 2006. 301p

Aquino, Julio Groppa (org). Indisciplina na escola. Alternativas teóricas e práticas. 13º Ed. São Paulo: Summus editorial 1996.

Paín, Sara, Diagnostico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.86p

Chalita, Gabriel, Pedagogia do amor. São Paulo: editora Gente, 2003.195p

Jairo E Borges, Andrade, Gardênia da Silva Abbad, Luciana Mourão, Treinamento, Desenvolvimento e Educação. Porto Alegre: Artmed, 2006.576p

Site: brasileros.com.br/estudo-ipea-mostra-relação-de-crimes-adolescente.

APENDICES:

PESQUISA DE CAMPO – ENTREVISTAS

Nº	1	2	3	4	5	6	7	8
Sobre o professor:	Professora Luciene, regente do 2º ano do ensino fundamental. Possui 21(vinte e um) anos de magistério, é graduada em Pedagogia e Teologia, e especialização em Gestão e Orientação Educacional.	Professora Amália, regente do 4º ano do ensino fundamental. Possui 16(dezesseis) anos de magistério, é graduada em Pedagogia.	Professora Lucinéia, regente do 3º ano do ensino fundamental. Possui 05(cinco) anos de magistério, é graduada em Economia, Pedagogia e especialização em Psicopedagogia.	Professora Francisca, regente do 2º ano do ensino fundamental. Possui 20(vinte) anos de magistério, é graduada em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia.	Professora Kelly, regente do 4º ano do ensino fundamental. Possui 09(nove) anos de magistério, é graduada em Pedagogia.	Professora Edjane, regente do 3º ano do ensino fundamental. Possui 17(dezessete) anos de magistério é graduada em Pedagogia especialista em psicopedagogia.	Professor Jeferson, regente do 5º ano do ensino fundamental. Possui 16(dezesseis) anos de magistério, fez o magistério e a graduação em Pedagogia.	Professor Sandra, regente do 5º ano do ensino fundamental. Possui 20(vinte) anos de magistério, tem graduação em Pedagogia.
O que é indisciplina:	Considera que a indisciplina é característica da pessoa sem foco, ou seja, sem objetivo.	Indisciplina pra mim é quando não há respeito entre os alunos e professor.	Indisciplina pra mim é não cumprir com as regras, não se adaptar, não cumprir com os deveres.	Considera que a indisciplina é a falta de respeito com o professor e seus pares.	Considera que a indisciplina é o comportamento alterado dos alunos. Não atendem as regras.	Considera que a indisciplina são comportamentos que atrapalham a rotina da aula, do próprio aluno e seus pares.	Considera que a indisciplina é a falta de respeito com o professor. Falta de limite da criança.	Considera que a indisciplina engloba tudo, ausência da família, falta de interesses dos alunos.
1-Quantos alunos sob sua responsabilidade são considerados indisciplinados ?	Com uma turma de 20 alunos, possui 3(três) que considera altamente indisciplinados.	Com a turma de 24 alunos considera que 04 são indisciplinados	Com a turma de 36 alunos considera que 10 são indisciplinados	Considera que 4(quatro) alunos são indisciplinados	Considera que 4(quatro) alunos são indisciplinados.	Considera que 10(dez) alunos são indisciplinados.	Possui 24 alunos e considera que 2(dois) são indisciplinados.	Considera que 15 alunos são indisciplinados
2-Quais são as atitudes que os levam a serem	Não obedecem a regras, não direcionam esforços nas tarefas, não executam suas	Falta de compromisso, atrapalham o andamento das	Batem nos colegas, não sabem ouvir, não realizam as tarefas	Pegam objetos dos colegas, praticam bullying, machucam-se.	Falta de respeito com os colegas e não atendem os comandos.	Baixo rendimento o falta de interesse e ausência da família.	Falta de respeito com os colegas, agressão verbal.	Falta de respeito com os colegas, desinteresse falta de atenção.

considerados indisciplinados ?	atividades.	atividades.						
3- Será possível descrever coincidências acerca da personalidade e/ou condição social e familiar dos "indisciplinados"? Quais são?	Ausência da família, carência afetiva.	Precariedade das condições financeiras de estrutura familiar, agressividade e. Envolvimento da família com drogas.	Não acho que há coincidências. A criança tem uma personalidade própria e a família pode reforçar positivamente ou negativamente esta.	Possuem geralmente carência afetiva e econômica. Drogas na família. Pais separados. Famílias desestruturadas, e esse modelo trazem para a sala de aula.	A ausência da família, o que acarreta a falta de exemplos positivos.	A completa ausência da família.	A falta de estrutura familiar, com isso esse jovens querem chamar de alguma forma a atenção.	Lares desestruturados.
4- A indisciplina ocorre com maior frequência na relação professor e aluno ou alunos e seus pares?	Um conjunto, entre os pares e professor.	Com todos não respeitam os colegas, retirando a autoridade do professor.	Os alunos e seus pares.	Os alunos e seus pares	Os alunos e seus pares.	Os alunos e seus pares.	Os alunos e seus pares	Os alunos e seus pares.
5- Há projetos em sua escola que são desenvolvidos para minimizar ou lidar com a realidade da indisciplina, como código de conduta, apoio psicológico familiar etc	Não, sem projetos.	Não, sem projetos e também ausência do conselho tutelar.	Sim, temos um professor que aplica o sistema militar, e eu faço o mesmo.	Não temos projetos	Não. Sem projetos.	Não há projetos.	As tentativas, mas nem todos apoiam. Precisamos que todos os professores participem.	Não. O que há são as tentativas dos próprios professores.
6- Até que ponto esse comportamento interfere no desenvolvimento do seu trabalho pedagógico?	Interfere muito, visto que perdemos tempo chamando a atenção dos mesmos, comprometendo o desenvolvimento das aulas.	Interfere muito, perde-se muito tempo disciplinando, fazendo o papel da família.	Atrapalha muito, perde-se horas até ter novamente o controle da turma.	Atrapalha muito, gera stresse.	Atrapalha as aulas o que acarreta no professor um estresse diário.	Atrapalha muito, perde-se tempo pois temos que controlar a turma novamente	Perdemos muito tempo da aula chamando a atenção desses alunos.	Não conseguem assimilar o conteúdo, baixo rendimento e reprovações.

						e.		
7- Sabemos que o fenômeno da indisciplina na escola é uma crescente, e que isso vem acarretando sérios prejuízos à educação de forma geral, como por exemplo, o estresse dos profissionais. Qual a sua experiência a cerca desse assunto?	Há um alto índice de profissionais afastados por stress, falta de compromisso do estado, o que acarreta varias síndromes na categoria, uma delas e que ocorre com frequência é a depressão.	Hoje o profissional não esta chegando ao final da carreira sem passar por problemas de saúde, como depressão, auto nível de estresse, como também surto profissional.	Estresse diário, adoecendo a classe, diferenças de classes sociais, excesso de informação midiática.	O professor esta cada dia mais doente, ainda não aconteceu comigo porque não tiro o foco da alfabetização.	O professor esta cada dia mais desmotivado, desgaste diário, sem solução para o problema.	Os professores estão cansados com stress diário, mais doentes	Aumento do estresse, aumento dos atestados médicos e com isso gera a falta de professores, acarretando prejuízos aos alunos. Comprometendo o conteúdo.	Problemas de saúde, afastamentos, muito estresse.
8- O que sugere como possíveis caminhos para minimizar essa situação e incluir também esta criança na escola?	O país necessita de políticas que façam com que a família participe mais ativamente da criação dos filhos e consequentemente da escola.	Deveria a secretária de educação de o município ter projetos para serem desenvolvidos na escola, assim como também a redução de alunos em sala de aula.	A escola poderia sensibilizar a criança com arte, música, educação física e teatro.	Investimento na família, projetos na escola, assistência social. Projetos que poderiam ser em nível de estado e município.	Trabalho conjunto, com equipe especializada dentro da escola, orientador educacional, psicopedagogo, psicólogo, a fim de trabalhar também a família.	Incluir os pais efetivamente na escola, para que haja a inclusão da família.	Deveria haver projetos de valores, resgatando a moral e ética.	A escola deveria oferecer apoio às famílias, resgatando-as, trazendo para dentro da escola.